

A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DO GÊNERO FEMININO ACERCA DO CONSUMO DE CONTEÚDO PORNOGRÁFICO POR HOMENS

Carlos Alexandre BRANDALIZE¹
Tamires Cristina Hoster de OLIVEIRA²
Gabriela Boniatti SURDI³
gabrielasurdi@fag.edu.br

RESUMO

O presente artigo examina o impacto do consumo de conteúdo pornográfico na construção de estereótipos de gênero, especialmente no que se refere à imagem da mulher como objeto de satisfação masculina. A pesquisa busca identificar como o consumo masculino de pornografia influencia na disseminação desses estereótipos. Foi realizada uma pesquisa qualitativa e descritiva na cidade de Cascavel-PR, em 2024, com oito participantes, sendo quatro homens e quatro mulheres, de 20 a 26 anos. Utilizou-se uma entrevista semiestruturada para coletar dados, analisados segundo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados indicam que a pornografia reforça estereótipos de dominação masculina e submissão feminina, afetando a construção da sexualidade e as relações interpessoais, influenciando e alterando a percepção sobre gênero. Observou-se que, para homens, a pornografia cria expectativas irreais sobre a relação sexual e reforça uma visão objetificadora da mulher como estereótipo. Já as mulheres relatam pressão para corresponder a padrões físicos e comportamentais idealizados, resultado de modelos sociais, impactando negativamente sua autoestima em geral. Conclui-se que o consumo de pornografia contribui para uma cultura que centraliza o prazer masculino e secundariza a experiência feminina, perpetuando desigualdades de gênero e influenciando negativamente a percepção social e relacional entre os gêneros.

Palavras-chave: Pornografia. Estereótipos. Gênero. Sexualidade.

¹Acadêmico do 10 período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG.

²Acadêmica do 10 período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG.

³Orientadora Psicóloga Especialista em psicologia histórico cultural docente do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG.

THE CONSTRUCTION OF FEMALE GENDER STEREOTYPES IN RELATION TO MEN'S CONSUMPTION OF PORNOGRAPHIC CONTENT

Carlos Alexandre BRANDALIZE¹
Tamires Cristina Hoster de OLIVEIRA²
Gabriela Boniatti SURDI³
gabrielasurdi@fag.edu.br

ABSTRACT

This article examines the impact of the consumption of pornographic content on the construction of gender stereotypes, especially regarding to the image of women as objects of male satisfaction. The research seeks to identify how male consumption of pornography influences the dissemination of these stereotypes. A qualitative and descriptive study was carried out in the city of Cascavel-PR, in 2024, with eight participants, four men and four women, aged between 20 and 26. A semi-structured interview was used to collect data, which was analyzed using Bardin's (2011) content analysis methodology. The results indicate that pornography reinforces stereotypes of male domination and female submission, affecting the construction of sexuality and interpersonal relationships, influencing and altering perceptions of gender. It was observed that, for men, pornography creates unrealistic expectations about sexual intercourse and reinforces an objectifying view of women as a stereotype. Women, on the other hand, report pressure to conform to idealized physical and behavioural standards, the result of social models, negatively impacting their self-esteem in general. We conclude that pornography consumption contributes to a culture that centralizes male pleasure and marginalizes the female experience, perpetuating gender inequalities and negatively influencing the social and relational perception between the genders.

Key words: Pornography. Stereotypes. Gender. Sexuality.

¹Student in the 10th period of the Psychology course at the FAG University Center.

²Student in the 10th period of the Psychology course at the FAG University Center.

³Advisor Psychologist Specialist in cultural-historical psychology, lecturer in the Psychology course at the FAG University Center.

1 INTRODUÇÃO

O artigo referido se remete a como o consumo de conteúdo pornográfico influencia na construção da imagem cultural e social da mulher. O tema aborda sobre o consumo de conteúdo pornográfico e a influência que ele exerce na construção da imagem cultural e social da mulher.

O fenômeno do consumo de pornografia é multifacetado e permeia as experiências individuais, sociais e culturais. O acesso facilitado a materiais pornográficos, por meio da internet e outras plataformas digitais, levanta questões significativas sobre como essas representações influenciam as percepções em relação à sua vida sexual, tendo em vista que a vida sexual é permeada por construções históricas, econômicas e de poder de influência (FOUCAULT, 2015).

Segundo dados estatísticos de notícias do Senado Federal de 2020: “o site de pornografia mais popular [...] recebeu cerca de 3,5 bilhões de visitas por mês. Ademais, os dados evidenciam que cerca de 75% dos homens e 35% das mulheres consumiram pornografia pelo menos uma vez no ano anterior”, direcionando a estes dados, a utilização de conteúdos pornográficos audiovisuais possui uma gama enorme de pessoas que buscam tais prazeres, majoritariamente sendo homens (SENADO, 2020).

Abrangendo tais dados que o Senado Federal aponta em seu tema “Aumento do vício em pornografia e suas consequências sociais” (SENADO, 2020) mostra a quantidade significativa de acessos que possivelmente podem gerar hábitos e distorções de imagem perante a indústria pornográfica, com o foco da satisfação masculina. O intuito dos pesquisadores é, com base nos conhecimentos extraídos de artigos, livros e do campo de atuação, contribuir para o avanço na investigação da criação de estereótipos na imagem feminina voltada para a satisfação masculina. Isso se justifica pelo fato de ainda existirem muitos prejulgamentos e influências de aceitação social que impactam negativamente as relações interpessoais, tanto de pessoas que consomem quanto das que não consomem pornografia, as quais acabam sendo influenciadas direta e indiretamente pelo uso de conteúdos pornográficos (RAGO, 1998).

A presente pesquisa busca, a partir dessas considerações, não apenas identificar as influências culturais e comportamentais associadas aos estereótipos e à construção da imagem feminina no consumo de conteúdo pornográfico, mas também compreender as dinâmicas envolvidas. Examina-se como o uso de pornografia pode distorcer e alterar a percepção da prática sexual e das fantasias sob as perspectivas masculinas e femininas, especialmente em relações heterossexuais. Com isso, almeja-se desenvolver estratégias para promover uma relação mais saudável e realista de homens e mulheres com sua vida sexual e social,

contribuindo para o bem-estar e para uma compreensão emocional, sexual, individual e coletiva mais aprofundada.

Essa pesquisa pretende responder como o consumo de pornografia por homens influencia no aumento de estereótipos que posicionam a mulher como objeto de satisfação masculina. Para tanto, os pesquisadores têm como objetivo geral descrever os fatores discriminantes na pornografia consumida por homens que contribuem para a disseminação desses estereótipos de gênero. Além disso, os pesquisadores pretendem descrever a influência da pornografia na construção social da imagem da mulher, identificar as influências culturais que reforçam esse estereótipo e verificar as semelhanças e diferenças nas percepções entre os gêneros sobre essa construção da imagem feminina no contexto do consumo de pornografia.

A sexualidade é um assunto que transcende fronteiras culturais e temporais, moldando a experiência humana de maneiras profundas e variadas. No contexto das discussões sobre esta temática, ocorre um processo no qual os indivíduos descobrem sua orientação sexual em meio a uma sociedade que frequentemente impõe normas e expectativas rígidas. No cenário político e educacional, este contexto tem gerado acalorados debates e numerosas produções científicas, mas também manifestado uma gama de preconceitos. Todas estas questões afetam a vivência social e repercutem no desenvolvimento da sexualidade e na percepção no conjunto da população mundial, diretamente e indiretamente em homens e mulheres (RAGO, 1998).

Foucault (2015) introduz o conceito de dispositivo de sexualidade, uma rede de discursos, instituições e práticas sociais que influenciam percepções, expressões e experiências sexuais. O autor enfatiza a natureza social e histórica da sexualidade, desafiando concepções tradicionais sobre o corpo, prazer e normas sexuais. Suas críticas à heteronormatividade e binarismo como construções históricas lançaram bases para abordagens mais sensíveis à diversidade sexual.

A repressão da sexualidade e os preconceitos surgiram com a ascensão da burguesia e do capitalismo a partir do século XVII. A sexualidade foi confinada ao âmbito privado, sendo controlada pela família conjugal para a reprodução, enquanto o “casal legítimo” ditava normas e detinha o segredo sobre o assunto (FOUCAULT, 2015). Tal colocação é manejada por Foucault da seguinte forma:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 2015, p. 09-10)

As noções de sexualidade, desejo, prazer e relacionamentos íntimos são produzidos em diferentes épocas e lugares. Tais contextos refletem valores, crenças religiosas, estruturas de poder, influências culturais específicas e a medicina. Estas instituições desempenharam e ainda desempenham uma importante função na moldagem das normas sexuais ao longo da história. Essa afirmação enfatiza a importância de compreender as mudanças nas atitudes em relação à sexualidade, a fim de examinar criticamente as narrativas dominantes e reconhecer a diversidade de experiências sexuais e identidades ao longo do tempo. Ao desnaturalizar as identidades e orientações sexuais e situá-las em seu contexto histórico, não sendo, portanto, universais ou imutáveis, permite a fluidez de expressão, não sendo algo enrijecido por regras morais (NAVARRO, 2010).

A sexualidade está intrinsecamente ligada ao conceito de biopoder, que segundo Foucault (1987) são práticas disciplinares que regulam corpos e comportamentos em instituições como escolas, hospitais e prisões. Antes da ascensão da burguesia e do capitalismo, movimentos de liberação sexual não mantinham segredos sobre práticas consideradas ilícitas ou obscenas, destacando que as normas e padrões sexuais são construções históricas moldadas por fatores econômicos, políticos e culturais (NAVARRO, 2010).

Na busca de compreender o masculino e o feminino como construções culturais, deve-se também ir além das explicações binárias que opõem o feminino ao masculino, tanto no que diz respeito à sexualidade quanto ao gênero, evitando a polarização desses rótulos sociais. Sexualidade e gênero devem ser, portanto, abordados como temas correlacionados e inseparáveis, embora distintos. Só assim é possível compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, assim como intrinsecamente é relacionado a possibilidade de uma orientação sexual X com uma ótica para possibilidade de uma identidade de gênero Y e suas variáveis (CANDELONE E CUNHA, 2022).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece a sexualidade como um dos marcadores de bem-estar, descrevendo-a como um componente central da experiência humana ao longo da vida que abarca a dimensão sexual, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, satisfação, proximidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e manifestada em pensamentos, devaneios, anseios, convicções, princípios, condutas, hábitos, funções e vínculos (WHO, 2006, p.5).

A representação da atividade sexual é antiga tal qual a própria prática em si. De maneira que, desde a antiguidade o uso de representações gráficas ou textuais descreviam os atos sexuais de maneira explícita para o que era considerado como os padrões da época com o propósito de estimular ou entreter o público (ALVES, 2018). Porém, o termo "pornográfico"

foi de fato utilizado pela primeira vez apenas em 1796 pelo escritor francês Restif de La Bretonne em seu tratado intitulado "Le Pornographe", que continha escritos relacionados à vida e à rotina de prostitutas e seus clientes, com o objetivo de regulamentar a prostituição. O termo "pornográfico" tem origem no grego "pornê", que significa prostituta (ALVES, 2018).

Posteriormente, além de livros, a pornografia passou a circular em jornais da época, os quais publicavam uma variedade de contos eróticos e muitas vezes exibiam gravuras femininas com os corpos nus (AZEVEDO e FERREIRA JUNIOR, 2017). A partir desse cenário que o termo "pornográfico" adquiriu o significado que possui atualmente, referindo-se à representação explícita, seja por meio de textos, desenhos, fotografias ou filmes, de órgãos sexuais ou do ato sexual com a intenção de provocar excitação no espectador e consequentemente gerar lucro (ALVES, 2018).

Subsequentemente com o surgimento do cinema, a criação das fitas VHS e do DVD, trouxeram uma nova visão aos conteúdos pornográficos e tornaram o seu acesso cada vez mais fácil. É possível afirmar que a internet foi a principal impulsionadora da indústria pornográfica, o que promoveu o consumo e distribuição de conteúdo pornográficos. Por meio dela, a pornografia se expandiu e se tornou mais acessível, sendo disponibilizada em diversos sites pornográficos, possibilitando o consumo em diferentes formatos e maneira anônima e gratuita (MARZOCHI, 2003).

Quando voltamos o olhar a nossa sociedade atual que, apesar de inúmeros avanços, ainda se inclina a reprimir a sexualidade e suas manifestações, é possível observar que há um vasto território inexplorado no que se refere à educação sexual, abrangendo desde métodos utilizados para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e de gestações indesejadas, até a ocultação de informações sobre a própria intimidade sexual. Nesse contexto de desinformação, a pornografia atua como um ponto de partida inicial podendo servir como um guia informal, embora não retrate de maneira precisa e fiel como ocorre a relação sexual (PADULA, 2022).

A partir desse contexto de desinformação acerca da sexualidade, a indústria pornográfica acaba se tornando um meio para desenvolvê-la, uma vez que "a pornografia exerce uma pedagogia do sexo. Aprende-se o que é o prazer masculino, o prazer feminino, o tamanho dos órgãos sexuais e o que constitui uma boa transa com a pornografia" (ALVES, 2018, p. 17).

Em um estudo conduzido por Padula (2022), foram entrevistados indivíduos que faziam consumo de conteúdo pornográfico, e foram observados os efeitos impactantes gerados em seu desempenho sexual, incluindo: descontentamento com o órgão genital; associação da virilidade masculina como sinônimo de ter múltiplas parceiras sexuais; impactos na

autoconfiança; abalo na autoestima; comparação entre sua performance sexual e aquela retratada nos conteúdos pornográficos e uma busca incessante por estímulos pornográficos. Padula (2022) também menciona que um dos participantes se descreveu como prejudicial para suas parceiras sexuais, pois o consumo de conteúdo pornográfico influenciou sua visão acerca do conceito de masculinidade e atrelou a imagem da mulher como alguém submissa aos seus desejos.

Ainda pensando sobre as relações entre sociedade, sexualidade e pornografia, é de suma importância considerar a desigualdade entre os gêneros que, está ligada a funções, comportamentos e papéis, que são socialmente construídos e atribuídos tanto a homens quanto a mulheres, resultando em vantagens para um único grupo (D'ABREU, 2013).

Tal desigualdade é perceptível na reprodução de conteúdo pornográficos heteronormativos, como por exemplo, ao reafirmar uma suposta necessidade masculina biológica e insaciável de manter relações sexuais e colocar as mulheres como fracas e ingênuas e em papéis onde são frequentemente objetificadas e destinadas a satisfazer o desejo sexual do homem heteronormativo (BORGES e TILIO, 2018).

No entanto, Marzochi (2003) ressalta que já na antiguidade a mulher era vista como um símbolo de desejo sexual, uma ideia ainda muito presente atualmente, resultando em uma hipersexualização desde a infância. A cultura que promove a hipersexualização das mulheres e sua redução à condição de objetos sexuais é reforçada pelas imposições religiosas e, conforme aponta Scavone (2008), isso agrava a desigualdade entre os gêneros, pois a hierarquia católica masculina, que estabelece normas também para as mulheres, reforça e perpetua essa desigualdade. Permeado por essa construção hierárquica, ao longo da história, o homem se estruturou como a figura dominante em diversas esferas - conjugais, parentais, profissionais - enquanto a mulher foi e continua frequentemente sendo atribuída a papéis voltados exclusivamente para a submissão, contribuindo para o fortalecimento do patriarcado.

Adentrando no contexto de conteúdos pornográficos, frequentemente retratam práticas extremamente agressivas e violentas para as mulheres, uma vez que a pornografia constrói estereótipos femininos a partir da visão masculina e estes estereótipos são constantemente reforçados em nosso meio social até que se tornem realidade. Na pornografia, ser feminina é sinônimo de silêncio e passividade. O ser masculino, é ser forte, viril, dominante e confiante onde o masculino é sempre superior ao feminino. Nesse contexto, é possível notar que houve um aumento na quantidade de conteúdos que exibem algum tipo de comportamento violento, especialmente em relação às mulheres. São esses os conteúdos que parecem causar um maior

nível de atração, resultando em uma banalização e naturalização dessas práticas (PINTO; MADUREIRA, 2018).

É relevante destacar, que desde os primeiros registros de conteúdo pornográfico até a maneira como são apresentadas na contemporaneidade, a imagem da mulher tem constantemente sido retratada de forma objetificada. Os atos sexuais descritos na literatura sempre refletiram as percepções e fantasias masculinas em relação às mulheres. Sobre isso Hunt (1999) afirma:

A pornografia, como estrutura de representação literária e visual, apresentou o corpo feminino como um objeto a serviço do prazer masculino. Os homens escreveram sobre sexo para outros leitores homens. Para sua excitação sexual, liam relatos de mulheres fazendo sexo com outras mulheres ou com múltiplos parceiros. A nova comunhão criada por essas complexas intersecções de voyeurismo e objetificação pode ter sido democrática no sentido do nivelamento social, mas quase sempre beneficiava os homens (HUNT, 1999, p.46).

Portanto, é possível observar que ao longo do tempo o conteúdo pornográfico promove concepções equivocadas sobre a sexualidade e sobre as mulheres, resultando em comportamentos que são replicados tanto nas relações sexuais quanto nas relações sociais diárias, contribuindo para uma cultura histórica em que a objetificação do corpo feminino, a violência e o estupro são normalizados (DE OLIVEIRA; SILVA, 2022).

2 MÉTODOS

No presente trabalho, foi realizada uma pesquisa de natureza básica, com um caráter qualitativo e de cunho descritivo. O objetivo central da pesquisa é descrever e analisar como o consumo de conteúdos pornográficos por homens pode influenciar a construção de estereótipos sobre a mulher, especialmente no contexto da objetificação feminina. Para tanto, foi utilizada uma abordagem metodológica que inclui entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas direcionadas aos participantes, a fim de explorar as percepções, opiniões e experiências individuais de cada um, proporcionando uma compreensão aprofundada do fenômeno investigado.

A pesquisa foi realizada na cidade de Cascavel-PR, no segundo semestre de 2024, com oito participantes, com objetivo inicial de entrevistar participantes com idades entre 20 e 40 anos. Essa faixa etária foi escolhida para garantir um resultado mais preciso sobre as percepções atuais entre os gêneros, considerando que os meios de acesso e as características da pornografia mudaram ao longo do tempo. No entanto, a idade dos participantes que concordaram em responder a entrevista variou entre 20 e 26 anos. Além disso, a pesquisa também abrange informações sobre a orientação sexual dos participantes, sendo todos heterossexuais cisgêneros, e que consumiram pornografia nos últimos cinco anos.

Durante a coleta de dados, foi apresentado aos participantes um *rapport* de forma individual, com o intuito de promover uma melhor compreensão sobre os objetivos da pesquisa e de estabelecer um ambiente de confiança e transparência. O *rapport* continha oito (8) perguntas abertas que permitiram aos participantes expressarem suas opiniões, sentimentos e experiências de maneira livre, possibilitando uma análise mais rica e detalhada sobre o tema abordado.

A análise dos dados coletados foi realizada com base na metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011), que foi escolhida devido à sua eficácia em lidar com grandes volumes de dados qualitativos, permitindo categorizar, classificar e interpretar as informações de forma a revelar as tendências e padrões presentes nas respostas dos participantes. A metodologia de Bardin oferece uma abordagem sistemática para examinar as perspectivas e experiências compartilhadas pelos participantes, permitindo uma interpretação dos resultados que leve em consideração tanto os aspectos subjetivos quanto os contextuais da construção de estereótipos sobre a mulher, a partir do consumo de pornografia.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das entrevistas realizadas envolveu oito participantes, que foram identificados de forma anônima como M.1, H.2, H.3, M.4, M.5, H.6, M.7 e H.8, a fim de proteger suas identidades. A letra "M" foi usada para identificar os participantes do gênero feminino ("Mulher"), e a letra "H" para identificar os do gênero masculino ("Homem"). Essa distinção foi feita porque o gênero foi considerado uma variável relevante nas respostas. Vale ressaltar que a percepção e as reações sobre os estereótipos relacionados ao consumo de pornografia podem variar conforme as experiências de vida e os contextos culturais de cada participante. Os números atribuídos aos participantes correspondem à ordem das entrevistas, para fins de organização dos dados, considerando que as idades dos entrevistados estavam próximas, variando entre 20 e 26 anos.

A análise dos resultados baseou-se nos relatos verbais dos entrevistados, o que permitiu a organização de categorias temáticas para discutir o tema. As categorias identificadas foram: 1) Desejo fabricado: a influência da pornografia na construção da sexualidade 2) Como o consumo pornográfico redefiniu os padrões de beleza feminino 3) A construção da imagem da mulher como objeto de satisfação masculina.

Os trechos dos entrevistados serão apresentados como citação direta, como resultados exemplificados diretos na pesquisa. Sobretudo, os relatos não serão abordados por completo na análise, como critério de preservar a identidade dos participantes e proporcionar um ambiente confortável de compartilhamento de informações e experiências individuais livremente.

3.1 DESEJO FABRICADO: A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE

Em experiências vivenciadas por um indivíduo, diferentes influências podem atuar na construção de sua identidade, afetando seus meios de expressão, comunicação e comportamento, o que inclui a forma como ele pensa, age e vive sua sexualidade. Foi possível observar que estereótipos promovidos pelo consumo de pornografia impactam significativamente a expressão social desses indivíduos, alterando a percepção daqueles que têm contato frequente com esse conteúdo. Nesse contexto, Foucault (2015) explora como a sexualidade se constrói por meio de discursos, verbais ou não verbais, que se comunicam tanto com o próprio indivíduo quanto com outros, independente do gênero. Um exemplo dessa influência foi mencionado pela entrevistada M.1, que disse:

tem influência das pessoas que consomem esse conteúdo, não só homens, como outras mulheres também, de esperar em certos comportamentos, certas atitudes, certos estilos, certas personalidades (...) e eu sei que o conteúdo pornográfico é uma sexualização em si, mas uma sexualização diferente, assim, não só durante o ato do sexo mesmo, mas todo o contexto que envolve a pornografia, sabe? Desde o momento de se parar alguém na rua e perguntar com o que você trabalha, vai ser diferente se um homem responder e uma mulher responder (M.1)

A entrevistada observa que a influência da pornografia vai além das relações sexuais, mas afeta também comportamentos cotidianos, e destaca o papel cultural da pornografia nas últimas décadas. Segundo ela, a pornografia reflete experiências, expectativas e normas sociais, que são incorporadas e normalizadas pelos indivíduos que a consomem, moldando uma compreensão específica de sexualidade (NAVARRO, 2010). Além disso, a entrevistada observa uma diferenciação de gêneros na forma de comunicação, sugerindo que homens e mulheres, influenciados pela pornografia, desenvolvem maneiras distintas de se expressar, conforme discutido pela entrevistada M.1:

assim, não só durante o ato do sexo mesmo, mas todo o contexto que envolve a pornografia, sabe? Desde o momento de se parar alguém na rua e perguntar com o que você trabalha, vai ser diferente se um homem responder e uma mulher responder (M.1).

Portanto, há uma expectativa de respostas diferentes quando uma pessoa é questionada sobre a temática da profissão, dependendo se é homem ou mulher, o que mostra como a pornografia contribui para a criação de estereótipos de gênero, que muitas vezes está associado à aparência e à estética. A entrevistada M.1 aponta que esse fenômeno constrói uma visão de sexualização que, especialmente no caso da mulher, se liga à aparência e cria expectativas irreais, isso revela estereótipos associados a comportamentos de diferença entre gênero masculino e feminino, portanto, independentemente de sua orientação sexual, o gênero e a sexualidade que embora sejam distintos, devem ser abordados como temas interligados, conforme destacado por Candelone e Cunha (2022).

A construção da sexualidade, principalmente feminina, tende a enfatizar a aparência e aspectos estéticos como elementos centrais do que se refere à atração. Esse padrão, reforçado pelo consumo de conteúdos pornográficos pode gerar expectativas irreais, promovendo uma visão do corpo feminino constantemente sexualizado e moldado por uma fantasia visual. Como aponta o entrevistado H.3 o consumo frequente de conteúdo pornográfico condiciona o público a fantasiar a imagem da mulher, como a associação do uso de um tipo de roupa específico a uma ideia de sedução como estereótipo do gênero feminino, assim dito:

Ah, acredito que por ser o fato de ver muitos corpos, no caso, corpo nu, acho que o homem já é um pouco mais visual em si. Vê mais, tipo, nossa, é bunda, é peito, enfim. Então, acho que no dia-a-dia, você vê uma pessoa com um corpo mais bonito, você realmente sente até um certo prazer olhando, às vezes as pessoas falam, “*caramba*” “*nossa*”. Então, eu acredito que sim, acho que tem uma certa influência, sabe, em questão principalmente visual do homem. Acho que não acredito que não seja assim, mas todo homem já vai, quero a primeira mulher bonita, com roupa de academia um pouco mais amostrada, o cara vai fazer alguma coisa com ela. Mas sim, sexualiza um pouco mais a mulher, sabe, principalmente de acordo com a vestimenta dela, a gente olha, a gente percebe, a gente é meio mais, como é que pode dizer, mais tarado nessas questões (H. 3).

A fala do entrevistado H.3 evidencia estereótipos específicos sobre o corpo feminino, indicando uma expectativa de atração ligada a características visuais e padrões que sexualizam as mulheres. Essa perspectiva gera frustrações para ambos os gêneros, pois alimenta expectativas irreais que, em um contexto heterossexual, normalizam a sexualização da mulher como objeto visual de prazer até mesmo em partes do corpo em específico, o que, segundo Borges e Tilio (2018), reforça um padrão onde mulheres são frequentemente objetificadas e destinadas a satisfazer o desejo sexual do homem.

A normalização da mulher como produto de satisfação masculina, muitas vezes sem dignidade ou respeito, apenas a serviço do prazer do homem, é vista como prejudicial para ambos os gêneros. Esse estereótipo não só afeta a mulher, que se torna vítima da objetificação, mas também influencia negativamente aqueles que o perpetuam, afastando-os do convívio social devido à percepção distorcida e desrespeitosa que adotam. O entrevistado H.5 observa que a pornografia pode contribuir para essa degradação da imagem feminina, tornando-a passível de violência em contextos que vão além do sexual. Ele explica:

É aquela história de uma mentira contada mil vezes e se torna uma verdade. A pessoa consumindo aquilo e tornando aquilo como uma forma de rotina ele acaba mentalizando e trazendo isso para o ambiente, para o cotidiano dele. Ele acaba fazendo com que a mulher seja objetificada do mesmo modo que a pornografia faz. Ele tem aquelas fantasias e ele acaba achando que aquelas fantasias vão se concretizar na vida dele, o que é algum tanto quanto triste, mas faz parte. E a gente tem uma grande prova disso, eu diria, seria os *incels* que consomem pornografia e acham que mulher é só um algo que não tem, não merece respeito etc. (H.5).

Esse relato coloca em pauta a fantasia presente na pornografia, que acaba naturalizando a ideia de que as mulheres não merecem respeito e dignidade, replicando comportamentos que podem alimentar uma fantasia de agressividade, normalizando contextos de violência e até estupro, como se o conteúdo pornográfico fosse uma representação aceitável desse comportamento social pejorativo (DE OLIVEIRA e SILVA, 2022). Dando ênfase na

aceitação desses comportamentos, ocorre a menção ao termo "*incels*", de origem inglesa, que se refere a um grupo que adota posturas misóginas, o qual reforça essa ideia de violência contra mulheres, onde homens que se sentem rejeitados adotam posturas hostis, acolhendo-se em discursos de ódio virtual, especialmente sob o anonimato (LIMA e SANTOS, 2022).

3.2 COMO O CONSUMO PORNOGRÁFICO REDEFINIU OS PADRÕES DE BELEZA FEMININO

A pornografia moderna é produzida com objetivos de consumo que buscam atender, sobretudo, aos fetiches e prazeres masculinos, utilizando os corpos humanos como objetos e criando uma visão distorcida sobre o que é atraente ou prazeroso em uma relação sexual (ALVES, 2018). Essa indústria, para atrair consumidores, promove padrões estéticos e comportamentais que não refletem as dinâmicas reais das relações humanas. Em vez disso, estabelece uma expectativa baseada em encenações que pouco têm de autênticas, como aponta Padula (2022), os atores performam o prazer de maneira exagerada e irreal, criando uma visão fantasiosa sobre a intimidade.

O entrevistado H.2 observa que essas representações são amplamente artificiais e não correspondem à realidade das interações sexuais.

Tanto em posições pornográficas ou retratações nos vídeos, são totalmente fora da realidade. Até a forma como os atores representam é fora da realidade. Existem relatos desses sites pornográficos em que a mulher não sente prazer nenhum. Então, aquilo tudo é uma ficção e aquilo emerge na mente das pessoas e elas acreditam que vão estar satisfazendo isso nos seus relacionamentos, no seu casamento. Então, a forma como a mulher é representada ali difere totalmente da realidade. O sexo não tem as posições que tem nos vídeos pornográficos e ele também não tem os pontos de vista que tem nos vídeos pornográficos. Então, é uma coisa totalmente artificial. (H.2)

Essa distorção cultural acaba promovendo uma ideia de que o prazer feminino é secundário, limitando-se a uma encenação para a satisfação masculina, no qual o homem também se limita a essa ideia distorcida. O entrevistado H.3 reforça esse ponto, apontando que a pornografia trata a mulher como um mero objeto de prazer. Esse padrão reforça a ideia de que a experiência feminina na pornografia é construída apenas para o olhar masculino, sem dar espaço para o prazer ou a expressão autêntica das mulheres.

Bem, porque a pornografia, como eu tinha falado em uma das outras perguntas, ela objetifica muito a mulher como se ela fosse só mais um objeto de prazer para o homem. Não trata com uma certa igualdade. Todo filme pornô, praticamente, é basicamente isso. Vai lá e faz o cara gozar e acabou. É isso. Acabou o vídeo. (H. 3)

Na mesma linha, o "mito da beleza", explorado por Naomi Wolf, mostra uma nova forma de repressão à sexualidade feminina que surgiu com a segunda onda do feminismo e a revolução sexual. A "pornografia da beleza", conceito de Wolf, relaciona beleza e sexualidade de forma a minar o amor-próprio das mulheres. Ela se manifesta através da publicidade e da mídia, onde o corpo feminino é constantemente objetificado e idealizado, fazendo com que as mulheres busquem incessantemente um padrão de perfeição, movimento esse que afeta culturalmente muitas mulheres de como agir e se expressar. Esse fenômeno não só reforça a submissão feminina, mas também reproduz uma dinâmica de poder que beneficia o olhar masculino, transformando o corpo feminino em um objeto de consumo e desejo (WOLF, 1992).

A influência desse padrão estético sobre a autoimagem feminina é profunda e negativa. Nas décadas de 1970 e 1980, a invasão da pornografia da beleza no universo feminino intensificou uma idealização do corpo nu, que anteriormente era restrita a atrizes e modelos, e levou as mulheres a se avaliarem constantemente sob essa perspectiva. A publicidade exacerba esse impacto ao utilizar imagens erotizadas, promovendo a ideia de que o ideal de aparência é pré-requisito para ser desejada. Esse ideal, voltado especialmente para as mulheres, coloca a beleza quase como uma obrigação, enquanto, para os homens, valores como status e poder têm mais peso social. Essa desigualdade faz com que as mulheres se sintam constantemente julgadas, enquanto os homens podem optar por evitar o contato com essas imagens (WOLF, 1992).

Para além dos estudos teóricos, os relatos de mulheres entrevistadas mostram que essas representações afetam sua autoestima e percepção corporal. Mulheres relatam uma pressão intensa para corresponder a esse padrão, que se reflete em preocupações diárias com estrias, celulite ou peso. Depoimentos como o de M.7 ilustram como a exposição a esses padrões pode fazer com que as mulheres sintam que seu valor está vinculado à adequação física a um ideal inatingível: "Eu percebi que me afetou, afetou a minha visão sobre eu mesma. Assim, eu não conseguia me ver bonita, eu não conseguia me ver com um corpo bonito." (M.7). Além disso, a pornografia influencia a maneira como as mulheres se percebem e como são vistas pelos homens. Enquanto os homens também reconhecem o impacto da pornografia, tendem a associá-la mais à objetificação das mulheres, onde o corpo feminino é valorizado como um objeto de prazer. Já as mulheres sentem que seu valor é constantemente colocado em questão, como demonstra o relato de M4:

Eu acho que pode ter uma certa comparação ali com o conteúdo, sabe? Tipo eu digo por mim mesma, eu já olhei e fiquei pensando assim, aí eu vou sair com o Piá, o que

ele vai pensar, né? [...] De autoestima e tudo mais. De ah, vai ligar pra estria, ou celulite, ou tipo nossa eu tô mais gordinha. (M.4)

Os relatos de M.4 e M.5 reforçam a ilusão criada pelos padrões de corpo idealizados, evidenciando como a pornografia molda a percepção que as mulheres têm de seu papel em função do olhar masculino, com objetivo de satisfazê-lo. M.4 afirma:

Eu acho que o corpo é um dos principais porque faz uma ilusão, como se a mulher tivesse o corpo perfeito, todas são magrinhas, todas têm aquela ilusão que os homens adoram, né? Aquele corpo escultural. (M.4)

M.5 complementa, afirmando que a pornografia apresenta uma realidade distorcida, onde acaba criando uma expectativa que muitas vezes não corresponde à experiência real. A entrevistada também destaca que as mulheres representadas em sites pornográficos têm corpos padronizados que não refletem a realidade das mulheres em geral, enfatizando a desconexão entre a representação midiática e a realidade.

Eu acho que o principal é que na pornografia, toda mulher tá achando muito gostoso e adorando, e o homem tá arrasando muito. Na realidade, na maior parte das vezes, não é assim, né? Acho que esse é o principal que difere da realidade. O outro que difere é o estereótipo de corpo, né? As principais, sei lá, atrizes pornô, vídeos que mais fazem sucesso, que ficam na página principal dos sites pornográficos, são sempre as mulheres com o corpo mais padronizado, se pode dizer assim, impossível, que não é a realidade das mulheres reais. (M.5)

Esse tipo de comparação resulta de uma pressão social que associa o valor feminino ao cumprimento de exigências estéticas, levando as mulheres a acreditarem que seu valor está ligado ao seu corpo. Conforme H.2 aponta: "Elas podem achar que o seu valor está ligado ao corpo delas, quando na verdade o valor delas é intrínseco." (H.2)

A estrutura binária de gênero é um sistema social e cultural que define gênero em apenas duas categorias: masculino e feminino, sustentada pela pornografia e pela publicidade estabelece que o homem assume o papel ativo, enquanto a mulher deve se moldar para o olhar masculino, reforçando papéis tradicionais que perpetuam a desigualdade. As mulheres, sujeitas a uma representação que muitas vezes as posiciona como objeto de desejo, veem-se encurraladas entre a busca por aceitação e a insegurança contínua sobre seu próprio corpo. Essa busca incessante por um ideal de beleza reforça um ciclo de consumo e insatisfação, onde o mercado se beneficia da necessidade de conformidade a padrões superficiais e transitórios (WOLF, 1992).

Esse ciclo, segundo Wolf (1992), não garante o amor ou aceitação genuína - pelo contrário, frequentemente faz com que as mulheres duvidem se são amadas por quem realmente

são. Assim, a associação ilusória entre beleza, amor e valor social fomenta um mercado de insatisfação contínua, onde a conquista da “beleza ideal” é apenas um símbolo de aprovação passageira, que não assegura a realização ou autoconfiança duradoura (WOLF, 1992).

3.3 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER COMO OBJETO DE SATISFAÇÃO MASCULINA

Desde os primeiros registros de produção de conteúdo pornográfico até a maneira como é apresentada atualmente, a imagem da mulher é constantemente representada de forma objetificada. A descrição dos atos sexuais na literatura tende a refletir as percepções e fantasias masculinas em relação às mulheres. Nesse contexto, a pornografia, como representação literária e visual, apresenta o corpo feminino como objeto para o prazer masculino. Desde a antiguidade, homens escrevem sobre sexo para outros homens, estimulando sua excitação (HUNT, 1999).

O resultado das entrevistas indica que ambos os gêneros reconhecem que a pornografia reforça direções culturais na representação da mulher, enfatizando a satisfação masculina e criando uma relação sexual performática que constrói um estereótipo feminino. A participante M.5 observa que “Por conta do papel de submissão e de servir, é sempre o homem que fica mais satisfeito, e a mulher tem que fazer mais performance.” (M.5)

Ao explorar a relação entre sociedade, sexualidade e pornografia, percebe-se uma distribuição desigual dos papéis de gênero, o que impacta diretamente a forma como homens e, sobretudo, mulheres são representados. A indústria pornográfica utiliza a excitação sexual como seu principal produto, “transformando o sexo em um item de consumo” (JUNIOR, 2006, p. 15). Além disso, conforme observa o participante H.6, a pornografia é direcionada a atender aos ideais masculinos, especialmente por ser um conteúdo amplamente consumido por homens.

A pornografia é voltada justamente para o público majoritariamente masculino, para satisfazer seus ideais e fantasias, desse tipo de população que é onde eles ganham dinheiro, através do conteúdo pornográfico e etc. Essas coisas próprias da indústria ali. Estamos falando de uma indústria que gira muito dinheiro há muito tempo. (H.6)

Essa abordagem reforça estereótipos ao retratar o homem como figura ativa e dominante, enquanto a mulher é posicionada como objeto sexual. D'Abreu (2013) observa que isso gera a fetichização da submissão feminina e posiciona a mulher como um produto que atende aos desejos masculinos. Esse cenário reflete uma desigualdade de gênero mais ampla, especialmente na pornografia heterossexual, em que as mulheres são frequentemente retratadas em papéis de fragilidade e submissão, voltadas exclusivamente para satisfazer o desejo

masculino, como destacam Borges e Tilio (2018). Entrevistados percebem essa diferenciação de gênero: as mulheres notam a perpetuação dos estereótipos de dominação masculina e submissão feminina, conforme comenta a participante M.4: “A mulher é sempre tratada como submissa e faz tudo, não pode falar nada, e o homem é o dono, faz o que bem quer sabe?” (M.4)

Já os homens destacam a representação da mulher voltada unicamente para a satisfação masculina. O participante H.3 observa:

Onde a mulher realmente é só mais um produto ali no meio da massa e o cara vai lá se satisfazer e ela vai também tentar satisfazer ele e acho que a maioria da pornografia é basicamente isso. A mulher satisfazendo o homem, não tendo um prazer mútuo, ou fingindo alguma coisa só para satisfazer o cara. E é basicamente isso que eu vejo na pornografia. (H.3)

Diante disso, é possível observar que o mercado pornográfico, influenciado por reflexos socioculturais, reforça estereótipos que mantêm a constante inferiorização e sexualização das mulheres. Segundo Santana (2016, p. 67), “os atos de dominação sexual conferem significado social ao homem”, enquanto a submissão representa o papel social da mulher. Com isso, perpetuam-se papéis que alimentam um ciclo entre a sociedade e a pornografia, legitimando desejos e promovendo uma “domesticação dos corpos” que, conforme Júnior (2006), pode ser intensificada na era digital do consumo pornográfico.

Os entrevistados concordam que a pornografia influencia negativamente a forma como homens tratam mulheres, especialmente nas relações sexuais. Alves (2018) explica que essa influência decorre do fato de a pornografia servir como fonte de aprendizado sexual para muitos homens, impactando seus comportamentos durante o sexo, como destaca o entrevistado H.3:

Principalmente na hora do sexo. Porque eu estava vendo até esses dias atrás um dado que a maioria das mulheres não sabe nem o que é ter um orgasmo de verdade, sabe? Que o homem vai com aquela mentalidade que passou a vida inteira, que é o que? É a famosa... o sexo, eu gozei e estou indo embora, já acabou. (H.3)

Fora do contexto sexual, essa influência também contribui para uma visão objetificada da mulher. Historicamente, a mulher carrega um estereótipo de inferioridade em relação ao homem, frequentemente ligada à dependência do sexo masculino, enraizada em uma cultura machista e patriarcal. Esse cenário gera problemas como desigualdade de gênero, objetificação da mulher e assédio, entre outros (Borges e Tilio, 2018). Nos conteúdos pornográficos, a mulher é frequentemente retratada como mero objeto de satisfação masculina (Campos, 2010), como aponta o participante H.6:

A pessoa consumindo aquilo e tornando aquilo como uma forma de rotina ele acaba mentalizando e trazendo isso para o ambiente, para o cotidiano dele. Ele acaba fazendo com que a mulher seja objetificada do mesmo modo que a pornografia faz. (H.6)

A entrevistada M.7 complementa, observando que o consumo de conteúdo pornográfico pode impactar a forma como os homens enxergam as mulheres em seus próprios círculos de amizade:

Enquanto uns, ou os que fazem esse uso problemático, tem, parece que tem uma concepção aí de tipo oposta sobre as mulheres, as amigas-mulheres, às vezes nem conseguem ter amigas-mulheres porque veem as mulheres como aquele objeto para se ter. Os outros que não fazem o uso veem as mulheres como seres humanos, essa é a sensação que eu tenho, assim. (M.7)

O conteúdo pornográfico frequentemente reforça um modelo distorcido de sexualidade, em que a mulher é apresentada de forma submissa e sua expressão de prazer é exagerada para agradar o desejo masculino, especialmente heterossexual. Esse formato ignora as experiências individuais de prazer das mulheres, projetando uma ideia de submissão e satisfação que, na realidade, não corresponde ao cotidiano e ao modo como o prazer e o consentimento funcionam para a maioria das pessoas. Justi (2020) destaca que esses elementos acabam gerando falsas expectativas sobre o sexo, o que pode levar a frustrações e até abrir portas para situações de violência devido a interpretações equivocadas do comportamento feminino na intimidade.

Essa visão é corroborada por relatos de pessoas como H.2, que afirma que as posições e representações da mulher na pornografia são "totalmente fora da realidade", e que até a forma como os atores encenam o prazer é fictícia, e forçando que a pornografia é uma construção fantasiosa que pode confundir a percepção do que é satisfatório em um relacionamento real.

Difere de formas que, tanto em posições pornográficas ou retratações nos vídeos, são totalmente fora da realidade. Até a forma como os atores representam é fora da realidade. Existem relatos desses sites pornográficos em que a mulher não sente prazer nenhum. Então, aquilo tudo é uma ficção e aquilo emerge na mente das pessoas e elas acreditam que vão estar satisfazendo isso nos seus relacionamentos, no seu casamento. (H.2)

E pela entrevistada M.7, que observa que a mulher na pornografia muitas vezes parece "performar algo" sem, de fato, sentir prazer.

você olha aqueles vídeos e as imagens, dá para ver que a pessoa que está ali, a mulher que está ali, ela não está sentindo prazer com aquilo, ela está ali, assim, performando algo. E não é isso, o sexo não é uma performance, o sexo é diferente. Tem algumas

peessoas, né, vamos colocar de lado que sim, tipo, tem aquela coisa de role-playing, de experimentar os dentes, os fetiches, assim, mas a parte de, sei lá, representatividade feminina não é correta. (M.7)

Ao longo dos anos, o conteúdo pornográfico tem disseminado ideias distorcidas sobre a sexualidade e as mulheres, influenciando comportamentos que se reproduzem nas interações sexuais e nas relações sociais cotidianas. Esse processo contribui para a construção de uma cultura histórica em que a objetificação do corpo feminino se torna prevalente (DE OLIVEIRA e SILVA, 2022). Os homens, em particular, enfatizam essa objetificação, como destacado por H.6.

Eu acho que na pornografia tem muito mais a ver a mulher como sendo um objeto que está ali para satisfazer o homem, tanto nas esquetes que eles fazem, tanto faz o que você quiser trazer ali, normalmente a mulher é retratada como objeto para ser satisfeito, o que eu acho é algo extremamente pejorativo e diminui muito a figura feminina. O homem está ali basicamente para ser o poder ali, a figura principal que conseguiu aquele objeto, aquela mulher. (H.6)

Esse sentimento é compartilhado por H.3, que ressalta que a pornografia apresenta a mulher como apenas um objeto de prazer para o homem, sem tratar a dinâmica sexual com igualdade. Ele menciona que a estrutura típica dos conteúdos pornográficos reforça a ideia de que a experiência feminina é irrelevante. Essa perspectiva não apenas perpetua a objetificação da mulher, mas também reflete e reforça normas sociais que desvalorizam o papel das mulheres nas relações, contribuindo para uma cultura que desconsidera suas necessidades e desejos reais.

A pornografia, como eu tinha falado em uma das outras perguntas, ela objetiva muito a mulher como se ela fosse só mais um objeto de prazer para o homem. Não trata com uma certa igualdade. Todo filme pornô, praticamente, é basicamente isso. Vai lá e faz, o cara goza e acabou. É isso. Acabou o vídeo. (H.3)

Diante de tudo isso, fica claro o quanto a pornografia influencia a forma como enxergamos o sexo e as relações de gênero no dia a dia. Ao tratar o corpo feminino como um objeto e reforçar a ideia de que a mulher deve ser submissa, a pornografia acaba fortalecendo uma visão em que o prazer masculino é o foco, deixando em segundo plano as experiências e desejos das mulheres. Esse cenário afeta a forma como nos relacionamos e impacta diretamente a autoestima feminina, além de alimentar uma cultura que mantém desigualdades de gênero. Repensar a produção e o consumo de pornografia, buscando representações mais equilibradas e reais, pode ser um passo essencial para construir uma sociedade que respeite mais as vivências e os desejos de todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa revelou que o consumo de pornografia por homens desempenha um papel central na disseminação e estereótipos de gênero, que objetificam e desvalorizam a mulher, reforçando a visão dela como um objeto de satisfação masculina. Foi possível observar que a pornografia não só incentiva a dominação masculina e a submissão feminina, mas também estabelece padrões de beleza e comportamento que impactam negativamente a autoestima e a percepção das mulheres sobre si mesmas. Assim, o estudo alcançou seu objetivo geral ao descrever os fatores que contribuem para essa construção estereotipada da imagem feminina.

Ao investigar como o consumo masculino de pornografia influencia a visão social da mulher, a pesquisa identificou que ele reforça a ideia de que o papel feminino é servir ao prazer masculino. Os depoimentos dos participantes mostraram que esse consumo gera expectativas irreais e objetifica as mulheres. Entre os homens entrevistados, foi apontado que a pornografia funciona como uma "educação sexual" informal, que prioriza o prazer masculino e que ignora ou desvaloriza o prazer e a subjetividade feminina colocando um segundo plano. Esse ponto foi evidenciado especialmente nas falas que mencionaram a busca por padrões estéticos e de comportamento presentes nos conteúdos pornográficos.

Nos relatos das mulheres, surgiu a preocupação com a autopercepção e a pressão para se conformar a padrões de beleza irreais promovidos pela pornografia. Elas expressaram a necessidade de atender a esses ideais, o que afeta sua autoestima e senso de valor próprio, gerando comparações com padrões inatingíveis e resultando em sentimentos de inadequação e insatisfação com a própria imagem.

Com os resultados obtidos, a pesquisa não apenas respondeu ao problema investigado sobre a influência do consumo de pornografia masculina na formação de estereótipos da mulher como objeto de satisfação, mas também revelou os impactos culturais e interpessoais da pornografia. Identificou-se que a pornografia reforça uma cultura que valoriza o prazer masculino, negligenciando o feminino, e perpetua estereótipos de dominação masculina e submissão feminina, com conteúdos fantasiosos que exibem violência, sexualização e machismo. Além disso, foram apontadas lacunas para futuras pesquisas, como o estudo sobre os efeitos do consumo excessivo de pornografia, incluindo a criação de expectativas irreais sobre o desempenho sexual e o risco de vício, afetando a vida sexual, as relações interpessoais e a saúde mental.

REFERÊNCIAS

ALVES, G.D.A.S. O erótico da pornografia: imagens, sons e escritas das representações do sexo. **Repositorio2.unb.br**, 2018. Disponível em: <https://1library.co/document/y4ex2p5q-erotico-pornografia-imagens-sons-escritas-das-representacoes-sexo.html>. Acesso em: 05 mai. 2024.

AZEVEDO, N. D.; FERREIRA JÚNIOR, J. T. Pornografia e literatura: uma história pelo buraco da fechadura. **Revista Graphos**, v. 19, n. 2, p. 140, 26 dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2017v19n2.37690>. Acesso em: 05 mai. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORGES, M. T; TILIO, R. Consumo de pornografia midiática e masculinidade. **Periódicus**. Salvador, Vol. 1, n.10, p. 402-426, 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/download/25851/17162>. Acesso em: 14 mai. 2024.

CANDELONE, C.; CUNHA, J. L. da. **Gênero Sexualidade e Educação: limites e Possibilidades para promoção da equidade social**. Editora Atena, 2022.

CAMPOS, A. H. **Violência institucional de gênero e a novel ordem normativa: inovações processuais na Lei Maria da Penha**. In: LIMA, Fausto R.; SANTOS, Claudiene (Coords.). **Violência doméstica: vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

D'ABREU, L. C. F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 592–601, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/n9jjzChb9nFpKVRB3NchK7K/?lang=pt>. Acesso em: 24 mai. 2024.

DE OLIVEIRA, M. R.; SILVA, H. DOS S. Pornografia e cultura do estupro: estudo sobre a naturalização de práticas de violência contra a mulher e suas implicações em sua saúde mental. **Revista Debates Insubmissos**, v. 5, n. 18, p. 267, 11 set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/253035>. Acesso em: 14 mai. 2024.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

HUNT, L. **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999.

JÚNIOR, J. L. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento**. 1. ed. São Paulo: Annablume, p. 12-292, 2006.

JUSTI, J. et al. Sexualidade na contemporaneidade: novas configurações das relações humanas / Sexuality in contemporaneity: New human relationships configurations. **Brazilian Applied Science Review**, v. 4, n. 5, p. 2864–2881, 2020.

LIMA-SANTOS, A. V. DE S.; SANTOS, M. A. DOS. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 1081–1102, 30 set. 2022.

MARZOCHI, M. D. L. Pornografia na internet. **Revista de Direito Administrativo**, v. 233, p. 229-244, 9 fev. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rda/article/view/45450>. Acesso em: 17 mai. 2024.

NAVARRO, T. S. Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos. **Revista do Instituto Humanistas**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

PADULA, A. L. P. O mundo de Afrodite: a influência do consumo de pornografia na vida sexual e pessoal de homens cisgêneros heterossexuais, à luz da psicologia analítica. **Repositorio.pucsp.br**, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27670>. Acesso em: 10 out. 2024.

PINTO, A.D.V.; MADUREIRA, A.F.A. Pornografia e questões de gênero: um olhar crítico do poder pedagógico das imagens na construção das subjetividades. **Programa de Iniciação Científica - PIC/UniCEUB - Relatórios de Pesquisa**, n. 3, 7 dez. 2018.

RAGO, M. Descobrindo historicamente o gênero. **Revista Cadernos Pagu**, v. 11, p. 89-98, 1998.

SANTANA, C. M. **Da pornografia à pornoteoria: desafios e reimaginações feministas**. 2016. 134 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SCAVONE, L. Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. **Revista Estudos Feministas**. v. 16, n. 1, p. 173-288, jan-abr., 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2008000100018>. Acesso em: 05 mai. 2024.

SENADO FEDERAL. **Comissão de Assuntos Sociais debaterá vício em pornografia.** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/12/comissao-de-assuntos-sociais-debatera-vicio-em-pornografia>. Acesso em: 05 mai. 2024.

WOLF, N. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Defining sexual health. Report of a technical consultation on sexual health.** p. 28-31 January 2002, Geneva.